

Torna-se indispensável a realização do acôrdo internacional

Tese defendida pela Sociedade Rural Brasileira na reunião, no I. B. C., da Comissão destinada a elaborar uma política de café a longo prazo.

A não ser que ocorra qualquer grave calamidade, que incida e destrua uma grande área de produção, encerra-se com a safra de 1958/1959 o ciclo de comercialização do café em um mercado de equilíbrio entre a oferta e a procura. Tudo agora deve ser feito, pelos países produtores, para que a pressão de uma produção com excedentes não provoque uma queda vertical dos preços. O desejável, já que se torna impossível evitar-se a depressão,

é que os preços oscilem lentamente, em torno de uma curva decrescente, até sua relativa estabilização em níveis que não desorganizem a produção. Ora, isso não será possível sem a regularização da oferta mundial do café. E a disciplina dessa oferta não se fará senão à base de um acôrdo entre os países cafeicultores. Diferentes estimativas apontam o provável crescimento da produção exportável em um volume excedente ao consumo global.

CIRCUNSTÂNCIAS ADVERSAS

O último relatório do Presidente do Instituto Brasileiro do Café, encaminhado à Junta Administrativa, demonstra em termos inequívocos a proximidade desse perigo.

Nêle, o sr. Paulo Guzzo, depois de situar a posição estatística brasileira até 20 de Março de 1956, acrescenta: "Estes dados não abrangem o estoque em poder da Comissão de Financiamento da Produção, colocada fora do mercado, e que compreende 3.732.730 sacas. Assim, considerando-se a existência de cerca de 4.000.000 sacas nos portos, este que é considerado normal, pode-se admitir que a conjuntura para o próximo ano é de equilíbrio.

É evidente, entretanto, que a não ser

climáticas, como as geadas e estiagens que ultimamente nos castigaram, temos que enfrentar dentro de ano e meio circunstâncias adversas.

"Necessário se torna prepararmos para tal eventualidade, através de uma política cafeeira realista para essa conjuntura futura que se prevê desastrosa.

"Estudos mandados executar pelo Sub-Comitê Especial do Café do Conselho Interamericano Econômico e Social revelaram conclusões que coincidem com as verificadas em estudos procedidos em nosso País.

"As estimativas de produção exportável admitem 47 milhões de sacas, contra um consumo que dificilmente excederá de 35 milhões".

PREVISÃO DE EXCEDENTES

A previsão de excedentes da CIES, na qual se baseia o relatório do sr. Presidente do I.B.C., é apoiada por estimativas da produção exportável de várias outras origens, como podemos observar.

1957/58	45 100 000 sacas
1958/59	49 800 000 "
1959/60	53 000 000 "

(Do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos)

1956/57 e 1957/58	41 900 000 sacas
1957/58 e 1958/59	44 000 000 "
1958/59 e 1959/60	47 800 000 "

(Da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura-FAO)

A *Federal Trade Commission*, por sua vez, estima para 1957/58 uma produção exportável de 43,1 milhões para um consumo de 31,9 milhões.

Há, por certo, justificadas prevenções em relação às estimativas das safras de

café, consideradas, não sem razão, como puras especulações estatísticas.

Nos países consumidores, tendem as previsões para o exagero e êsses cálculos têm sido, como aconteceu há pouco nos Estados Unidos, fator preponderante da perturbação de mercado. A safra de 1955 dos países de produção "mild" foi estimada como muito abundante pela FAS, e na realidade constituiu uma safra escassa, o que provocou flutuações anormais dos preços com graves prejuízos para o comércio importador.

Nos países produtores, ao contrário, as estimativas são, em regra deliberadamente reduzidas.

Entretanto, em níveis maiores ou menores de excedentes, o certo é que todas as previsões provindas dos centros consumidores como produtores, assinalam o mesmo fenômeno alarmante da volta do comércio de café, já na safra 1957/58, ao ciclo do desequilíbrio entre oferta e procura globais.

GRAVIDADE DE OFERTA SEM CONTROLE

No relatório sobre a situação mundial do café, apresentado em 1956, pelo então presidente do Bureau Pan-Americano do Brasil ao nosso governo, sr. Horácio Cintra Leite, há referência às conclusões a que chegou o Fundo Monetário Internacional, em trabalho confidencial, preparado em Novembro de 1955.

Segundo êsse estudo, uma baixa de preço, provocada por uma oferta abundante, não controlada, atinge mais profundamente os produtores dominantes do Brasil e a Colombia.

A redução no ingresso de divisas para o Brasil, calculado em relação a um acréscimo apenas de 10%, na safra de 1956/57, seria de 203 a 341 milhões de dólares, aceitando-se os coeficientes de elasticidade do consumo de 0,3 a 0,2.

Vê-se, por esses dados, a gravidade de uma oferta sem controle para um país, como o nosso, cujo desenvolvimento econômico é fortemente estimulado pela receita oriunda da exportação do café.

Nessa conjuntura de um mercado em desequilíbrio pode-se optar por uma oferta controlada, ou não e, se controlada, com restrição por via unilateral ou à base de um acôrdo internacional.

A livre oferta, em razão da forte pressão de uma produção com volumosos excedentes, provocará, inevitavelmente, queda vertical no nível dos preços.

Calcula-se que o café Santos, tipo 4, que se manteve, em média, no ano passado de 56 cents por libra peso, caia para cerca de 35 cents.

Impede, por sua vez, a inelasticidade do consumo do café em relação ao preço que êsses excedentes possam ser absorvidos pela intensificação da procura por efeito do barateamento do produto, ou que a baixa unitária dos preços seja compensada pelo aumento no volume das vendas.

É provável que a quebra no volume das vendas do café brasileiro acompanhe a inevitável quebra de seu valor, no caso da oferta não controlada ou de uma situação comercial agressivamente competitiva que dela resultará.

O CONTROLE DA OFERTA

O controle da oferta é um sistema, hoje, de interesse comum dos países cafeicultores, mas, ainda mais do Brasil.

A defesa unilateral dos preços internacionais do café é uma história do passado. Poude o Brasil executá-la ao tempo em que manteve o quase monopólio da produção. E, ainda assim, defendeu sobrinho o mercado do café por-